Fernando Moraes

COMPAIXÃO

Como conceito de totalidade

Novo Conceito

COMPAIXÃO

Compaixão MIOLO.indd 1 23/04/2019 08:21:32

Compaixão MIOLO.indd 2 23/04/2019 08:21:32

Fernando Moraes

COMPAIXÃO

Como conceito de totalidade

Compaixão MIOLO.indd 3 23/04/2019 08:21:32

© 2019 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida
ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio sem
a permissão por escrito da Editora.

2ª Impressão — 2019
Impressão e acabamento Eskenazi 270519

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação: Carlos Villarruel
Revisão: Lígia Alves
Diagramação: Emap Produções

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Fernando
Compaixão : como conceito de totalidade / Fernando Moraes. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2019.

Bibliografia.
ISBN 978-85-8163-904-8

1. Compaixão 2. Convívio social 3. Cotidiano 4. Justiça social 5. Liberdade 6. Solidariedade I. Título.

19-25138 CDD-177.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Compaixão : Convívio social : Filosofia 177.7
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Novo Conceito
Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

Com amor, para as minhas meninas.

Sumário

11 | Introdução

15 | Compaixão como conceito de totalidade

25 | Compaixão e pertença

35 | Compaixão e solidariedade

43 | Compaixão como conectividade humana em tempos de conexão virtual

55 | Compaixão: tempo social *versus* tempo cronológico

63 | Compaixão e liberdade

71 | Compaixão e suas dimensões

79 | Compaixão e dever

87 | Compaixão e comunidade de sentidos

95 | Compaixão e renovo

103 | Compaixão e justiça social

111 | Compaixão e movimento

116 | Notas bibliográficas

"A única atitude digna de uma criatura superior é a de uma calma e fria compaixão por tudo quanto não é ele próprio. Não que essa atitude tenha o mínimo cunho de justa e verdadeira; mas é tão invejável que é preciso tê-la."

Fernando Pessoa

Introdução

É importante destacar que neste livro não tenho nenhuma pretensão de esgotar o assunto sobre o qual me debruço: a compaixão. Seria um grande equívoco querer conceituar ou cientificar algo que entendo de forma muito especial, quase num plano metafísico, espiritual ou qualquer outra coisa que transcenda o entendimento humano.

A compaixão é um tema pouco abordado na filosofia. Talvez Arthur Schopenhauer tenha dedicado mais atenção a refletir sobre o assunto, considerando que ele se utilizou do budismo para respaldar seu pensamento. As religiões, ao longo da história, trataram o tema como uma das características fundamentais para alcançar o divino.

A minha proposta aqui é refletir sobre a compaixão dentro de uma perspectiva social, que transita pela cidadania, pela convivência social e pelo cotidiano das pessoas, e, fundamentalmente, perceber como ela nos absorve, sem muitas vezes termos consciência disso.

Ainda como proposta, trago na minha abordagem um desafio para o tempo presente. Muito se fala nas rodas das ciências humanas sobre resiliência, alteridade, empatia, altruísmo, sentimento de

Compaixão MIOLO.indd 11 23/04/2019 08:21:33

pertença, solidariedade e tantos outros conceitos, em como buscamos reconhecer o outro, o diferente de nós, aquele que muitas vezes é o nosso inferno, mas que também nos faz inferno de alguém. O desafio é: como você percebe e se vê diante da diferença?

A resposta a essa questão não é simples, pois, dependendo de como você a conceber, dirá coisas distintas sobre si mesmo. Por isso, não se trata apenas de uma pergunta, mas de uma provocação para os dias atuais, considerando o esvaziamento das relações de qualquer natureza que em outros tempos, quando o espírito era mais companheiro do corpo, não seria tão angustiante.

Enfim, espero que durante a leitura você possa fazer um exercício crítico não somente sobre o meu pensamento ou a minha escrita, o que muito me alegrará, mas também sobre seus próprios olhares, suas percepções e interpretações sobre a vida e tudo o que dela advém. Desejo que você possa, ao término da última linha, iniciar o seu próprio texto. Um texto que vá além da palavra escrita ou da oralidade, que ultrapasse as suas atitudes, as suas ações e o seu comportamento perante tudo que o cerca, trazendo avivamento, presença e sentido.

Compaixão MIOLO.indd 12 23/04/2019 08:21:33

"O homem não é a soma do que tem, mas a totalidade do que ainda não tem, do que poderia ter."

Jean-Paul Sartre

Compaixão como conceito de totalidade

Quando estava em Angola, fui ministrar uma formação sobre protagonismo social com lideranças comunitárias na cidade de Lubango, na província de Huíla, no extremo sul do país. Foi uma experiência incrível, que compreendeu duas semanas intensas durante as quais pude conhecer a história daquele país, que por décadas amargou uma guerra civil sem precedentes. Muitos daqueles que ali estavam comigo tinham vivenciado situações de profundo terror. Foram testemunhas oculares de uma carnificina praticada por mãos humanas; sim, por seus semelhantes, por seus próximos, iguais — ou qualquer outra referência que possamos dar para refletir sobre a contradição que envolve tal situação.

Foi ali, num mosteiro isolado de tudo, local da formação, que pude ter o melhor dos melhores aprendizados sobre o que envolve o meu outro. Combinamos, antes do início de cada aula, que a turma, em comum acordo, escolheria uma frase a ser escrita no quadro para reflexão, e, assim, nos debruçávamos diariamente com alegria e entusiasmo sobre o pensamento proposto.

No último dia da formação, depois de tantos temas trabalhados,

Compaixão MIOLO.indd 15 23/04/2019 08:21:33

a frase escolhida foi esta: "O endereço mais difícil do mundo é o lugar do outro". Aquilo me encheu de alegria e emoção, pois falar para um grupo como aquele — que fora submetido a um sofrimento tão grande —, sobre resiliência, solidariedade, afeto, altruísmo, pertença ou qualquer outro assunto que pudesse resgatar o sentido de humanidade, era de uma riqueza singular. Mesmo diante de situações de profunda adversidade, aqueles indivíduos eram capazes de demonstrar uma serenidade e uma alegria arrebatadoras. A experiência vivenciada pelos alunos esvaziou qualquer tentativa de minha parte de apresentar conceitos meramente teóricos sobre os assuntos que discutimos em aula.

Isso me fez acreditar, dia após dia, que somente um coração que experimentou o sofrimento, a dor ou a morte de seus semelhantes saberá apreciar com o devido cuidado o dom da vida, dando sentido ao que é importante e verdadeiro com muito mais profundidade e zelo pelo ar que respira.

Observar aquelas pessoas, conviver com elas, cada uma com a historicidade social própria, ouvir os relatos sobre o que viveram e viram, atraiu minha atenção para o fato de elas se comportarem sempre com gentileza, com o olhar que acolhe e acaricia o coração em qualquer circunstância. Constantemente aqueles indivíduos se mostravam dispostos a estender as mãos e a oferecer um abraço, uma palavra consoladora, e faziam isso com um entusiasmo tão natural que me lembrei do que disse W. H. Auden: "O clima é aquilo com o qual os antipáticos antipatizam, e os simpáticos mostram uma alegria comum em observar".

Foi por isso que, muitos anos depois, tendo passado por outras importantes experiências trabalhando com pessoas submetidas a situações de profunda vulnerabilidade, que sobreviviam em vez de

Compaixão MIOLO.indd 16 23/04/2019 08:21:33

viver — considerando que sobreviver significa já estar em posição de desvantagem —, resolvi escrever sobre a compaixão. Foi a ela que cheguei após tantas e tantas estações de vivências, como o Santo Graal para a nossa existência.

Sobretudo em um tempo como este, quando vivemos uma avalanche de intolerância, de ódio por aquilo que é diferente. Enfrentamos um retrocesso no tempo histórico, diminuindo a cada dia as nossas chances de pertença, de dignidade na diferença e de liberdade diante do processo de anulação da nossa identidade social. Os que mais sofrem são as minorias, que não podem ter voz e acabam sendo sempre lembradas de qual é o seu lugar: muitos ainda pensam que pobre não pode ter carro, casa, fazer escolhas. Os detentores do poder econômico consideram essas conquistas inadmissíveis, intoleráveis, tanto que constantemente se articulam com seus iguais para impedir aquilo que para eles seria uma tragédia, uma afronta.

A compaixão sobre a qual aqui quero refletir não está na tradição religiosa, muito menos na constatação de Max Weber, segundo a qual os que muito têm, por desencargo de consciência, fazem um pouco para os mais necessitados, na busca moral de dizer ao mundo que são bons e que, movidos pelo sentimento de compaixão, doam parte de seu precioso tempo para ajudar e ser solidários com aqueles que tanto sofrem. Isso definitivamente não é ter compaixão, é um consórcio social, ou seja, uma exposição, muitas vezes falsa, de solidariedade.

A compaixão tem que ser totalizante, não atrelar unicamente os que muito têm e os que nada têm. É uma questão de civilidade, de compreensão e leitura do mundo ao redor reconhecer que existe o diferente, o que professa uma fé distinta, que pensa de outra maneira, que tem outra cor da pele, que sexualmente diverge das nossas

Compaixão MIOLO.indd 17 23/04/2019 08:21:33

preferências, e tantas outras situações que nos mostram que nossa visão de mundo não pode ser umbilical.

Na tríade do conceito de totalidade — ser, ter e conviver —, a compaixão passa a nos referenciar como uma significante social em tudo o que envolve o outro. Ser solidário não tem a ver com estética social: é necessário estarmos juntos, ofertar a nossa presença para os que precisam de nós. Trata-se de fazer o enfrentamento de tudo o que nega a alteridade daqueles que querem anular o outro, acreditando que a bênção de um depende da maldição dos demais. A compaixão não pode ser compreendida apenas pelos conceitos de benemerência e altruísmo que a envolvem, em especial numa cultura que trata o "fazer o bem" como um diferencial de caráter, como se fosse um rótulo de pertença, e não uma condição de normalidade dentro do estado de convivência social.

A noção de "bem" se mercantilizou no processo materialista do capital. Saiu do estado natural de Aristóteles, em que essa concepção está estreitamente vinculada à ideia de comunidade, e passou a ser contemplada como reconhecimento, como se fosse um diferencial. Essa abordagem aristotélica de comunidade sempre me agradou muito.

Nunca foi tão atual a necessidade de revisitarmos nossa participação social. Para muitos, essa participação está enclausurada num "calendário social do bem", instituído historicamente por aqueles que propagam ser solidários e cidadãos do bem de acordo com interesses, *status* e conveniências morais.

O cenário é sempre o mesmo a cada ano. Iniciamos pelo Natal: pregando o discurso da solidariedade, alguns se vestem de Papai Noel, arrecadam brinquedos e, como num desfile, chegam à "Sapucaí" das comunidades pobres, das entidades beneficentes e de outros

Compaixão MIOLO.indd 18 23/04/2019 08:21:33

redutos da pobreza material para se apresentar no grande *show* da caridade. Depois, Páscoa: todos se transformam em coelhinhos bondosos. Mais tarde, comemorações de dias santos, Dia das Crianças, e assim vai, numa espiral viciosa. Essas pessoas se convencem de que são caridosas e que refrigeram a própria alma agindo desta forma.

Esquecem-se de que os indivíduos ajudados são, como elas mesmas, dotados de talentos, dons e sonhos. Se tiverem oportunidade de se desenvolver, podem, sim, ter escolhas. Não me compreenda como radical. Pelo contrário, entendo perfeitamente a importância e a felicidade de uma criança pobre ganhar um brinquedo numa ação de solidariedade. Mas considero necessário ter uma visão mais aguçada sobre o assunto, e para isso é preciso ofertar condições de empoderamento social por meio de programas e projetos de educação, cultura e qualificação profissional para jovens e adultos. Certamente essa transformação seria impactante e renovadora para a vida desses indivíduos, e não para o ego dos que se acham bons por suas benemerências.

É o que eu defino como voluntariado "alterativo", de alteração: em vez de praticar a ação imediatista, que as pessoas coloquem seus dons, seus talentos, suas habilidades e seu conhecimento à disposição do semelhante, e, nessa troca de saberes, todos acabarão sendo beneficiados. Essa seria a verdadeira revolução silenciosa, muito diferente de uma competição para ver quem é o maior cidadão do céu.

Estou falando da compaixão no seu estado mais natural, não dividida ou recortada de acordo com as benesses morais de alguns, mas sim totalizante e integral. A compaixão que não vê o outro como uma figura institucional, mas o enxerga como ser humano que sente, que ama, que tem a sua própria percepção de mundo e é alguém que também tem algo a oferecer.

Compaixão MIOLO.indd 19 23/04/2019 08:21:33

Outro dia, fui convidado para palestrar num grande evento empresarial. Antes de iniciar a minha participação, fui conduzido por uma recepcionista até o presidente da empresa. Antes de vê-lo, fiquei em uma sala de espera, onde já havia algumas pessoas aguardando para serem recebidas pelo executivo daquela multinacional. Pelo que entendi, eu seria apresentado a ele por uma simples questão de protocolo, e depois seguiria para o auditório onde aconteceria o evento. Fiquei ali esperando por um longo período, o que não me incomodou, pois havia chegado no horário combinado.

Outros homens foram chegando, todos vestindo terno e gravata. As conversas eram recheadas de formalidade. Por duas vezes a secretária, educadamente, veio me avisar de que a agenda do presidente estava cheia, mas que ele fazia questão de tomar um café comigo antes da palestra. Pois bem, fiquei ali observando o movimento e, como todo palestrante, me mantive atento a qualquer detalhe que eventualmente pudesse utilizar na minha fala. O tempo todo eu via copeiras entrarem na sala do presidente para servir água e café. Toda vez que elas abriam a porta para entrar ou sair, olhares curiosos se moviam na sala de espera.

Até que chegou a minha vez. Fui muito bem recebido pelo executivo, um homem espirituoso e atencioso — sua gentileza talvez fosse o motivo do tempo de espera do lado de fora. Percebi uma disposição incrível; ele transmitia uma boa energia. Enquanto conversávamos, as copeiras entraram em silêncio para servir café e água. Nesse exato momento ele me surpreendeu dizendo que havia lido um dos meus livros e que a escolha do meu nome para palestrar no evento de encerramento daquele ano tinha sido em função disso. Fiquei feliz e agradeci seu interesse em tecer comentários sobre o meu trabalho.

Compaixão MIOLO.indd 20 23/04/2019 08:21:33

Saímos da sala, e ele foi me acompanhando até o local da palestra, pois faria a minha apresentação ao público. Enquanto caminhávamos, ele me perguntou, com base numa curiosidade despertada pelo livro, o que de fato me inspirava e me movia a acreditar em dias melhores.

Eu poderia ter respondido a essa questão de diversas maneiras, pois o livro que o executivo havia lido tem como título uma pergunta, que foi a essência da minha escrita ao pensar em respostas sobre as minhas reflexões.

Entretanto, fiz o presidente se lembrar das copeiras que passavam o dia a servi-lo. Certamente elas não eram notadas, mas, diferentemente daqueles que estavam na sala de espera, que tiveram que marcar horário para falar com ele, aquelas moças entravam na sala e saíam dela o tempo todo. Reflexivo e atento, ele indagou: "Mas onde está resposta para a minha pergunta?".

Com rara serenidade, respondi: "Elas só têm uma função, que é a mais importante da nossa existência neste mundo: 'servir'. E servir não tem *status*, cargo, poder ou qualquer outra condição de mérito. Servir não tem hora marcada nem autorização de entrada e saída. Por isso, esse servir de pessoas comuns e simples é o que me inspira e me move a acreditar sempre em dias melhores".

Dar aquela resposta foi um momento de grande inspiração, tanto que o executivo acabou assistindo à palestra e, no final, cumprimentou cada pessoa que estava naquele auditório. Servir é a compaixão em ato, em plena ação. É o que nos dá a sensação de plenitude humana.

Compaixão MIOLO.indd 21 23/04/2019 08:21:33

“Por meu campo perceptivo, com seus horizontes espaciais, estou presente em meu meio, coexistindo com todas as outras paisagens que se estendem além, e todas essas perspectivas formam juntas uma única onda temporal, um instante no mundo.”

Merleau-Ponty